

ENVELHECIMENTO, VIRILIDADE E APTIDÃO PARA GOVERNAR: FACES DO ETARISMO NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NORTE-AMERICANAS

Ageing, Virility, and Suitability to Govern: Aspects of Ageism in U.S. Presidential Elections

DOI: 10.14393/LL63-v41-2025-10

Diego Figueira *

Luciana Correia Alves **

RESUMO: Este artigo busca investigar como se dá, nos discursos político e midiático, a interligação entre virilidade e aptidão para governar no contexto da disputa entre dois sujeitos idosos com imagens e ethos diferentes, e também analisar como o rótulo de “velho” é atribuído a quem não apresenta uma performance embasada em uma masculinidade agressiva. Para isso, recorreremos ao referencial teórico da Análise do Discurso (AD), especialmente os trabalhos de Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau e Ruth Amossy, que colocamos em diálogo com estudos das áreas de Demografia, Gerontologia e Epidemiologia sobre os modos de envelhecer, os determinantes de fragilidade e o perfil da população idosa nos EUA, bem como trabalhos que conceituam e investigam a noção de etarismo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso político. Opinião pública. Ethos discursivo. Envelhecimento. Etarismo.

ABSTRACT: This article aims to investigate how the interconnection between virility and fitness for governance is constructed in political and media discourse in the context of a competition between two elderly candidates with different public images and ethos. Additionally, it analyzes how the label of “old” is attributed to those who do not exhibit an aggressive masculinity-based performance. To this end, we draw on the theoretical framework of Discourse Analysis, particularly the works of Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau, and Ruth Amossy, which we put in dialogue with studies from the fields of Demography and Epidemiology on aging processes, determinants of frailty, and the profile of the elderly population in the U.S., as well as studies that conceptualize and examine the notion of ageism.

KEYWORDS: Political discourse. Public opinion. Discursive ethos. Aging. Ageism.

* Professor do Instituto Federal de São Paulo – Campus Campinas. Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. ORCID: 0000-0002-0001-7203. E-mail: diego.figueira(AT)ifsp.edu.br.

** Professora Associada do Departamento de Demografia e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (NEPO) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). ORCID: 0000-0002-8598-4875. E-mail: lcalves(AT)unicamp.br.

1 Introdução

As eleições presidenciais de 2024 nos Estados Unidos ficaram marcadas, sobretudo, pela desistência do então candidato à reeleição Joe Biden da disputa contra Donald Trump, em favor de sua vice-presidente Kamala Harris. A decisão foi anunciada no dia 21 de julho de 2024, a pouco mais de três meses da votação, mas o assunto já se mostrava recorrente na imprensa internacional durante todo transcorrer do mandato de Biden, com maior intensidade a partir do primeiro debate entre os dois então candidatos, em 27 de junho. O motivo principal presente em declarações de atores políticos e analistas, tanto da mídia estadunidense quanto de outros países, incluindo o Brasil, era o questionamento de se Biden não estaria sem condições para um segundo mandato devido à sua idade avançada, com uma vasta série de supostos sinais que comprovariam essa tese sendo veiculados de tempos em tempos. Enquanto Biden se manteve como candidato, Trump fez diversas falas que buscavam caracterizar seu adversário, às vezes mais explicitamente, outras menos, como velho e inapto para governar.

Embora o tema da idade de Joe Biden especificamente tenha se tornado um ponto focal deste último processo eleitoral dos Estados Unidos, uma série de fatos contribuem para tornar o cenário um tanto mais complexo. Primeiramente, a diferença de idade entre os dois candidatos não é muito significativa. Trump tomou posse em janeiro de 2025 aos 78 anos de idade, enquanto Biden estava com 82. Além disso, ambos já eram, até a segunda posse de Trump em 2025, os detentores do título de presidente mais velho a tomar posse. No primeiro mandato em 2017, Trump tinha 70 anos e seis meses, sendo na época o presidente mais velho da história dos Estados Unidos, superado por Biden em 2021, com 78 anos e dois meses.

Isso mostra como não é a idade de um ou de outro que efetivamente define como esses indivíduos serão reconhecidos como velhos ou não. Essa percepção tem muito mais a ver com a performance de atributos que se relacionam com as qualidades esperadas de um líder político e que não se restringem a atributos de juventude, mas sobretudo de uma certa masculinidade, em geral agressiva. Especialmente se considerado o modo como o candidato Donald Trump busca se diferenciar de seu adversário em termos de força, vitalidade, coragem

e astúcia, uma série de elementos não relacionados com a idade passam a ocupar um papel central no discurso do candidato.

Neste artigo, analisamos o processo discursivo pelo qual se deu a caracterização de Joe Biden como incapaz de concorrer a uma eleição em função de condições supostamente decorrentes do seu envelhecimento em contrastes com características de seu adversário, Donald Trump, calcadas em uma performance de masculinidade hegemônica. Para isso, recorreremos ao referencial teórico da Análise do Discurso (AD), especialmente os trabalhos de Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau e Ruth Amossy, que colocamos em diálogo com estudos das áreas de Demografia, Gerontologia e Epidemiologia sobre os modos de envelhecer, os determinantes de fragilidade e o perfil da população idosa nos EUA, bem como trabalhos que conceituam e investigam a noção de etarismo.

Analisa-se textos de materialidades diversas da esfera midiática e política, predominantemente do cenário estadunidense, mas, de forma complementar, do brasileiro, referentes ao período de pré-campanha dos dois candidatos e da campanha até o momento da desistência de Biden.

2 Olhares sobre o envelhecimento

O envelhecimento é uma mudança biológica universal, que não apresenta definições exatas e que não se refere a uma simples trajetória no tempo. Caracteriza-se como um processo natural, progressivo e irreversível, apresentando diversas manifestações dos aspectos biológicos, psíquicos e sociais, que ocorrem ao longo da vida de forma diferenciada em cada indivíduo (Martínez Muñoz, 1994).

Sob o ponto de vista individual, uma pessoa envelhece à medida que avança na idade. Por sua vez, uma população envelhece quando aumenta a participação de idosos no total da população.

Globalmente, as sociedades têm experimentado uma redução na proporção de jovens e um aumento da população idosa, tanto em termos absolutos quanto relativos. Esse fenômeno, caracterizado pela transição de elevados para baixos níveis de fecundidade e mortalidade, é conhecido como transição demográfica. Esse processo é o principal

responsável pelo envelhecimento populacional e pelo aumento da longevidade mundialmente (Alves, 2022).

A expectativa de vida ao nascer para todos os países atingiu 73,3 anos em 2024, um aumento de mais de 8,4 anos desde 1995. E mais reduções na mortalidade são previstas para os próximos anos. Espera-se que o mundo alcance uma longevidade média de 77,4 anos em 2054. Até o final da década de 2050, mais da metade de todas as mortes ocorrerão aos 80 anos ou mais comparativamente aos 17% de 1995 (United Nations, 2024). Em termos absolutos, em 2023, o número de pessoas com 65 anos ou mais era cerca de 808 milhões. As projeções apontam que os idosos acima de 65 anos em 2050 atingirão a marca de 1,5 bilhão de pessoas. No período entre 2023 e 2050, o percentual de idosos passará de 9,3% para 16% da população mundial total (United Nations, 2024).

O aumento substancial da expectativa de vida e da proporção de idosos traz muitas questões a respeito da forma como os idosos estão vivendo os anos adicionais de vida. Viver mais pode ser positivo quando as pessoas podem desfrutar a sua maior sobrevivência com independência, autonomia, qualidade de vida e saúde (Alves, 2022).

O avançar da idade muitas vezes remete à ideia de vulnerabilidade física, cognitiva e mental; aumento de doenças crônicas e degenerativas; perda de papéis sociais com a retirada da atividade econômica; perda de autonomia; surgimento de novos papéis como ser avós; perda de cônjuges, parentes e amigos; inversão de papéis parentais e proximidade da morte (Camarano; Kanso, 2017).

A percepção negativa de que o envelhecer e a velhice estão associados à fragilidade é algo enraizado nas sociedades desde o século passado. Debert (1999) ressalta que nos tempos atuais, nos quais há uma valorização da juventude, da produtividade e da autonomia, a velhice é muitas vezes vista como uma fase da vida marcada pela dependência, decadência e fragilidade, estereótipos que reforçam a desigualdade e marginalizam os idosos, atribuindo a eles uma posição de desvantagem social e simbólica. Para a autora, essas representações negativas influenciam as políticas públicas, os sistemas de cuidado e até mesmo a maneira como os próprios idosos internalizam ou resistem a essas narrativas.

O fenômeno nomeado de idadismo, etarismo ou ageismo pode ser definido como o preconceito estereotipado e negativo de grupos etários, particularmente entre os idosos. O

idadismo se refere a aplicação de características de grupos baseadas na idade de um indivíduo, independente das suas características individuais (Macnicol, 2006).

Apesar das inúmeras contribuições que as pessoas idosas deram e ainda dão para os diversos setores da sociedade, comunidade e família, ainda persistem muitos preconceitos e práticas discriminatórias baseados na idade, cujos efeitos são prejudiciais para a saúde e o bem-estar dos idosos (Organização Pan-Americana da Saúde, 2025).

O etarismo constitui um conjunto de problemas sociais que a sociedade deve enfrentar por meio da conscientização, educação e políticas públicas que garantam a igualdade. Existem várias políticas públicas em diversos contextos voltados para o combate do ageismo, idadismo ou etarismo e que variam de acordo com o país e a região. O Brasil, por exemplo, tem marcos importantes como o Estatuto do Idoso (Lei n.º 10.741/2003) e a Política Nacional do Idoso (Lei n.º 8.842/1994). Essas leis buscam mitigar práticas de redução de direitos em decorrência da idade, combate à discriminação baseada na idade e garantir a autonomia dos idosos. Em países como os Estados Unidos e na União Europeia existem legislações que proíbem discriminação por idade no ambiente de trabalho. A Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou em 2021 iniciativas para conscientizar a sociedade e orientar governos na criação de políticas públicas inclusivas para todas as idades, especialmente para as idades mais avançadas.

Com relação à política propriamente dita, de acordo com o Schaeffer (2023), a partir da análise de informações históricas da biblioteca do Congresso, da Associação Histórica da Casa Branca, do Centro Miller da Universidade da Virgínia e da Enciclopédia Britânica no período entre 1789 e 2021, a idade média de todos os presidentes dos EUA no dia de sua primeira posse era de 55 anos. O mais novo foi Theodore Roosevelt, que tinha 42 anos quando assumiu o cargo pela primeira vez em 1901. O mais velho, Donald Trump, tinha 78 anos e seis meses quando assumiu o cargo em 2025. Mas a maioria dos presidentes americanos que tomaram posse nos anos mais recentes apresentavam idades mais elevadas.

Os dados do United States Census Bureau em 2020 revelaram que a população dos EUA com 65 anos ou mais cresceu quase cinco vezes mais rápido do que a população total ao longo dos 100 anos entre o período de 1920 a 2020. Em 2020, cerca de 1 em cada 6 pessoas nos Estados Unidos tinha 65 anos ou mais. Em 1920, essa proporção representava 1 em 20. A

população idosa aumentou em 50,9 milhões, passando de 4,9 milhões (ou 4,7% da população total dos EUA) em 1920 para 55,8 milhões (16,8%) em 2020. Isso representa uma taxa de crescimento de quase cinco vezes maior do que a da população total (United States Census Bureau, 2023).

Apesar das expressivas desigualdades, a caracterização social e econômica revela uma escolaridade alta no país, com apenas 8,9% da população com 25 anos ou mais de idade apresentando educação inferior ao ensino médio ou equivalente. De 2011 a 2021, a porcentagem de adultos com 25 anos ou mais de idade com bacharelado ou curso superior aumentou de 34,0% para 41,9% para a população branca não hispânica; de 19,9% para 28,1% para a população negra; de 50,3% para 61,0% para a população asiática; e de 14,1% para 20,6% para a população hispânica (United States Census Bureau, 2022). Com relação à renda, a renda familiar média real foi de US\$ 80.610 em 2023, um aumento de 4,0% em relação à estimativa de US\$ 77.540 em 2022. A renda familiar média real aumentou 5,4% para famílias brancas e 5,7% para famílias brancas não hispânicas entre 2022 e 2023 (United States Census Bureau, 2024).

A tendência no curto prazo nos Estados Unidos é de que ocorra um incremento cada vez maior da proporção de idosos vivendo mais. Entretanto, será um envelhecimento caracterizado, sobretudo, por uma população branca, mais escolarizada e com maior renda. Não por acaso, esse é o perfil no qual se enquadra a quase totalidade da classe política daquele país.

3 Discurso político e opinião pública

A política do século XXI tem sido marcada pela emergência de novos fatores determinantes da opinião pública como a expansão e diversificação das novas mídias, a consolidação das redes sociais e a noção de pós-verdade.

Para Charaudeau (2016), é na fala política que se misturam esperanças e ações, na qual se efetua, por conseguinte, um contrato de idealidade social entre dirigentes e cidadãos. Para isso, ela deve produzir um discurso que siga duas lógicas: uma simbólica, que coloca os princípios de uma vida política como fundadores dessa idealidade, ao falar de valores coletivos que estão a serviço do bem comum e que devem legitimar a ação política; e uma

lógica pragmática, que proponha um modo de gestão do poder, e os meios que permitam realizar o bem-estar social, dando crédito ao projeto de idealidade social. É por meio da opinião pública que se constrói um saber coletivo de crença a respeito dos interesses da vida em sociedade e de seu ordenamento político. Ela é o resultado de um processo de homogeneização das diversas opiniões que circulam entre os diferentes grupos sociais realizado pelas instâncias do mundo político e midiático que tentam se apropriar dela.

A opinião pública se forma no próprio acontecimento que motiva a emissão de ideias, posicionamentos e julgamentos no interior do debate social. Esse processo é feito por meio de pesquisas estatísticas, comentários de jornalistas e especialistas que sintetizam o que estaria sendo dito nos mais variados espaços, declarações peremptórias de atores políticos e de manchetes de jornal que põem no centro do debate público uma afirmação a respeito de um tópico derivado de algum fato social.

A opinião pública está em construção permanente, na confluência de um triplo movimento de reação por parte dos grupos sociais, de atribuição por parte dos atores políticos, de categorização por parte das instâncias midiáticas. Apresenta-se ao mesmo tempo fragmentada e homogênea, reativa e intimidada, autônoma e sob influência, isto é, numa forma plural: não uma opinião pública, mas várias opiniões públicas (Charaudeau, 2016, p. 46).

Atualmente, as redes sociais apresentam-se como uma espécie de espelho ou repositório direto da opinião pública por supostamente apresentar uma síntese objetiva dos assuntos mais debatidos sob a forma de listas de temas e *hashtags* que vinculam via hipertexto as mensagens sobre o mesmo tópico. O sigilo sobre os algoritmos de distribuição dessas mensagens levanta uma série de questões sobre o papel das empresas por trás de cada rede social no jogo político de diferentes países. O efeito de objetividade que essa compilação tenta projetar serve justamente a esse propósito de ser uma espécie de “voz do povo” nas redes sociais materializada em uma lista e contabilizada pelo volume de interações com cada mensagem.

Dijk (2008) aponta que nosso conhecimento e opiniões sobre políticos, partidos ou presidentes são adquiridos, mudados ou confirmados pelas várias formas de fala e escrita durante nossa socialização, pela educação formal, pelo uso midiático e pela conversação.

Desse modo, o processamento de informações políticas é frequentemente uma forma de processamento discursivo, uma vez que boa parte da ação e da participação política é realizada pelo discurso e pela comunicação (Dijk, 2008, p. 197). As novas mídias, tanto as de disseminação de notícias e comentários políticos de atores tradicionais, quanto as redes sociais que dão voz ao “cidadão comum”, assumem um papel importante ao influenciar numa velocidade muito maior a opinião pública a respeito de uma pessoa ou acontecimento. Ambas podem se pautar mutuamente, com declarações de atores políticos em suas redes sociais tornando-se notícia e vice-versa.

Nesse cenário, mostra-se de muita utilidade a noção de *ethos* discursivo conforme desenvolvida no quadro teórico da Análise do Discurso de orientação francesa por pesquisadores como Dominique Maingueneau (2008; 2020) e Ruth Amossy (2011; 2022). A problemática do *ethos* é apresentada como uma análise de formas de ser no mundo por meio da linguagem, que perpassa a corporalidade do enunciador percebida por meio do seu tom de fala, seu gestual, sua apresentação de si. Em uma retomada recente desse conceito, Maingueneau afirma:

Estudar o *ethos* é se apoiar em um dado simples, intuitivo, coextensivo a todo uso da linguagem: o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo. Deixem-me esclarecer: uma representação avaliada, pois falar é uma atividade erguida sobre valores supostamente partilhados (Maingueneau, 2020, p. 9).

Sobretudo no discurso político, os enunciadores buscam construir para si uma imagem que seja percebida pelo eleitorado como a mais indicada para vencer uma eleição. Num constante movimento entre assumir e rejeitar determinadas qualidades expressas pelos modos de falar e de agir, o jogo de opostos torna-se ainda mais evidente. O bipartidarismo do cenário político norte-americano tende a acentuar essa estratégia, tanto por parte dos candidatos e dos partidos políticos, quanto da repercussão de suas falas e atitudes na mídia.

No caso da campanha presidencial de 2024, consideramos que o debate em torno da idade dos dois candidatos, no qual se observam características do discurso etarista, se desenvolve, em grande medida, em torno de aspectos mais relacionados com a sua performance em relação a um modelo de masculinidade bastante valorizada no meio político.

O conceito de masculinidades hegemônicas (Connell; Messerschmidt, 2005) refere-se à forma dominante de masculinidade em uma dada cultura e período histórico, que legitima a posição de poder dos homens na sociedade e justifica a subordinação de mulheres e de outras formas de masculinidade. Essa masculinidade idealizada é caracterizada por atributos como heterossexualidade, força, assertividade e autoridade, sendo apresentada como norma a ser seguida pelos homens. No entanto, ela não representa a maioria dos homens, mas funciona como um modelo cultural que organiza hierarquias entre os gêneros e entre os próprios homens, marginalizando aqueles que não se encaixam nesse padrão.

[...] a masculinidade hegemônica não necessita ser o padrão comum na vida diária de meninos e homens. Em vez disso, a hegemonia trabalha, em parte, através da produção de exemplos de masculinidade (como as estrelas dos esportes profissionais), símbolos que têm autoridade, apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles[†] (Connell; Messerschmidt, 2005, p. 18).

Pode-se considerar o cargo de presidente de um país, sobretudo um como os Estados Unidos, um desses exemplos de masculinidade hegemônica. A sua figura personifica a soma do poderio político, econômico e militar do país. Paralelamente, o desenrolar de uma campanha eleitoral também é frequentemente descrito, inclusive na sua cobertura pela mídia, como uma proeza física sob a metáfora da “corrida eleitoral”. O vocabulário para tratar desse processo está repleto de termos emprestados do mundo esportivo e militar (largada, chegada, adversário, embate, encurrular, sentir o golpe em um debate etc.). Isso contribui para que uma eleição presidencial torne-se também um teste sobre o modelo de masculinidade que deve servir como exemplo de liderança.

A seguir, analisamos como essa oposição se deu entre Joe Biden e Donald Trump em torno de uma discussão etarista sobre a aptidão para governar os Estados Unidos.

[†] Tradução dos autores do texto original “[...] hegemonic masculinity need not be the commonest pattern in the everyday lives of boys and men. Rather, hegemony Works in part through the production of exemplars of masculinity (e.g., professional sports stars), symbols that have authority despite the fact that most men and boys do not fully live up to them”.

4 Análise

A tematização da idade de Joe Biden não começou na campanha eleitoral de 2024. Durante a campanha presidencial de 2020, Donald Trump usou repetidamente a idade e a condição mental de Joe Biden como um dos principais ataques contra ele. Biden tinha 77 anos na época, e Trump tentava pintar seu oponente como alguém fraco, confuso e incapaz de governar. O candidato republicano passou a chamar seu oponente de "Sleepy Joe" (Joe Dorminhoco), sugerindo que ele era lento, sem energia e inapto para a presidência. Esse tipo de apelido fazia parte do estilo de Trump, que já havia usado termos semelhantes contra outros adversários políticos, como "Crooked Hillary" (Hillary Desonesta) para Hillary Clinton durante a campanha de 2016. Trump também alegava que Biden tinha dificuldades cognitivas e frequentemente questionava sua capacidade mental. Durante comícios e entrevistas, Trump dizia que Biden "não sabia onde estava" e que ele "não conseguia falar direito sem um teleprompter". Trump ainda compartilhava vídeos editados e descontextualizados de Biden errando palavras ou parecendo desorientado em aparições públicas.

Além disso, Trump se gabava de ter feito um teste cognitivo e desafiava Biden a fazer o mesmo. Trump chegou a dizer que os médicos ficaram "muito impressionados" com seu desempenho no teste, que incluía tarefas como identificar animais e lembrar palavras em sequência. Em um momento mais polêmico, Trump sugeriu que Biden poderia estar usando drogas para melhorar seu desempenho nos debates. Em uma entrevista à Fox News, Trump disse: "Vou exigir um teste antidoping para Joe Biden antes ou depois do debate. O desempenho dele nos debates era um desastre, e de repente ele foi bem contra Bernie Sanders. Alguma coisa está acontecendo".

Outra tática de Trump foi se apresentar como um líder cheio de energia e vitalidade, em contraste com Biden, que ele descrevia como fraco. Em comícios, Trump muitas vezes imitava Biden caminhando de maneira lenta ou fingia estar confuso, arrancando risadas da plateia de seus apoiadores.

Embora Trump tenha conseguido consolidar essa narrativa entre seus apoiadores, a estratégia também teve um efeito oposto para alguns eleitores. Muitos viam essas declarações como ataques exagerados ou desrespeitosos, especialmente entre eleitores mais velhos. Biden respondeu a essas provocações com frases como "Observe minhas ações,

observe meu histórico", tentando mostrar que estava apto para o cargo. No final, Biden venceu a eleição de 2020 com 306 votos no colégio eleitoral contra 232 de Trump, mas os questionamentos sobre sua idade continuaram a ser notícia durante sua presidência.

Já nessa primeira disputa presidencial entre ambos, portanto, a estratégia de Trump era não apenas denunciar o suposto declínio físico e mental de seu adversário, mas ridicularizá-lo por meio de uma expressão verbal e gestual jocosa, derrisória. Essa postura é parte fundamental do ethos do candidato Donald Trump que incluía também o uso frequente de expressões sexistas, homofóbicas, xenófobas e racistas como parte do discurso que embasava o *slogan* “*Make America Great Again*” (Faça a América Grande Novamente).

Marcadamente populista, o discurso eleitoral de Trump apelava para um sentimento de perda de potência da sociedade estadunidense devido à presença de elementos que a teriam enfraquecido, como a presença maciça de imigrantes, o multiculturalismo e políticas de inclusão de raça, gênero e deficiências. Sendo o destinatário desse discurso marcadamente o cidadão homem branco heterossexual de classe média trabalhadora, a performance de Trump visa a demonstrar justamente essa potência que se busca resgatar para levar a América a uma “nova era de ouro”. Além de apontar os governantes antecessores do partido Democrata como responsáveis maiores pelo atual estado que pretende transformar, Trump busca desmoralizar seu concorrente usando uma linguagem pouco comum aos debates políticos e mais próxima do comportamento em privado do grupo com o qual ele buscava se identificar.

No decorrer do mandato de Joe Biden, entre 2021 e 2024, a idade do presidente e também de outros líderes políticos, tanto de Democratas quanto de Republicanos, manteve-se vivo no noticiário. Mitch McConnell, líder republicano no Senado, gerou preocupações após dois episódios públicos em 2023 nos quais ele “congelou” durante entrevistas, ficando imóvel e sem responder por cerca de 20 segundos. A senadora democrata Dianne Feinstein enfrentou um visível declínio cognitivo antes de sua morte, em 2023, aos 90 anos. Após meses afastada por problemas de saúde, retornou ao Senado apresentando dificuldades de memória e raciocínio, chegando a precisar de instruções para votar. Apesar da pressão para se aposentar, ela permaneceu no cargo até falecer. Nancy Pelosi, ex-presidente da Câmara dos Deputados, também esteve no centro do debate sobre a idade avançada dos líderes

políticos nos EUA. Embora não tenha enfrentado incidentes de saúde evidentes como McConnell e Feinstein, sua permanência no Congresso gerou questionamentos sobre a renovação da liderança democrata.

Mas eram de Biden os exemplos mais recorrentes de gestos que foram interpretados pela mídia e pela opinião pública como sinais de declínio físico e mental. Em março de 2021, ele tropeçou seguidamente ao subir as escadas do avião presidencial. Em abril de 2022, após um discurso na Universidade Estadual Agrícola e Técnica da Carolina do Norte, Biden estendeu a mão num gesto semelhante a um cumprimento, embora não houvesse ninguém ao seu lado, gerando especulações sobre sua percepção do ambiente. Em junho de 2023, tropeçou e caiu durante uma cerimônia de formatura na Academia da Força Aérea no estado do Colorado. Em abril de 2024, durante uma visita ao Japão, tropeçou novamente ao subir a escada do avião presidencial e caiu.

Hesitações na fala, equívocos e lapsos de memória também repercutiram. Em junho de 2023, ao se referir ao conflito entre Rússia e Ucrânia, Biden disse que o presidente russo estava “perdendo a guerra no Iraque”. Em fevereiro de 2024, durante um evento em Las Vegas, Biden chamou o presidente francês Emmanuel Macron de “presidente Mitterrand”, que faleceu em 1996, e ainda o identificou como “presidente da Alemanha”. Em julho de 2024, já próximo de anunciar sua desistência da candidatura, durante uma coletiva de imprensa na cúpula da OTAN, ele trocou o nome do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, pelo de Vladimir Putin, mas rapidamente corrigiu o erro, justificando que seus pensamentos estavam focados no líder russo. No mesmo dia, referiu-se erroneamente à vice-presidente Kamala Harris como seu rival político, Donald Trump.

Um caso em específico mostra como a imagem de Biden como um idoso em pleno declínio de suas faculdades mentais pode se mostrar de diferentes formas, inclusive pela condescendência. O Departamento de Justiça dos Estados Unidos conduziu uma investigação sobre Biden em 2023, sobre a possibilidade de que ele tivesse levado documentos confidenciais do governo para sua residência. Durante os interrogatórios, Biden chegou a afirmar mais de cem vezes que não se lembrava ou não sabia de nada. Ele não foi formalmente acusado devido à falta de provas. O relatório indicava que o presidente parecia

um “idoso bem intencionado com memória fraca, que tinha dificuldade em recordar detalhes”.

Esses e outros acontecimentos semelhantes foram amplamente veiculados na mídia internacional ao longo dos quatro anos do governo Biden e principalmente em 2024, com a aproximação do período de campanha para a eleição. Reportagem da BBC sobre o primeiro debate entre os dois, em 27 de junho, ressaltava que “a idade é uma questão eleitoral da qual nenhum deles pode escapar.” A matéria continua:

Um deslize, tropeço ou erro verbal pode cimentar preocupações sobre sua idade avançada, com o potencial de remodelar uma corrida presidencial já acirrada à medida que os eleitores começam a prestar atenção. Mas ter um desempenho vigoroso pode ser mais crítico para Biden, o presidente mais velho do país, que tem sido perseguido por questionamentos sobre sua resistência e aptidão mental desde que assumiu o cargo.

Aqui, apesar de supostamente situar o tema da idade para os dois candidatos, é sobre Biden que recai a maior pressão por uma performance que afaste de si uma série de dúvidas sobre sua capacidade para governar. Enquanto exige-se do candidato vigor, resistência e aptidão mental, ou riscos apresentam-se sob a forma de gestos que podem mudar o cenário da corrida (essa metáfora esportiva, calcada numa proeza física) caso sejam interpretados pelo eleitorado como sinais de fraqueza, ainda que se trate de um deslize ou erro verbal.

Na mesma linha, um editorial do jornal *The New York Times* em 27 de abril de 2023 diz:

A velhice continua sendo um tópico delicado, e muitas pessoas, principalmente homens, relutam em discutir enfermidades pessoais por medo de demonstrar fraqueza ou serem deixadas de lado por gerações mais jovens e impacientes. Há uma boa razão para a proibição do governo federal de discriminação por idade no emprego — uma proteção que começa aos 40 anos. O preconceito de idade é real. Essa lei, no entanto, não se aplica a pessoas que estão concorrendo a cargos públicos. Os eleitores têm todo o direito de fazer perguntas sobre a condição médica de um candidato que queira seu apoio.

O efeito dessa cobertura sobre a opinião pública é atestado por um colunista do mesmo jornal (também publicado em português pela Folha de SP), Charles M. Blow:

A ideia de que os eleitores estariam preocupados com a idade e a capacidade mental de Biden já foi repetida tantas vezes que já não requer qualquer prova além de sondagens que refletem o que os entrevistados consumiram: reportagens segundo as quais estão preocupados com a idade e capacidade mental de Biden. Há um dilema real em ação aqui do tipo “quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?”

O artigo de Blow chama atenção para o papel da mídia na formação da opinião pública. Ela repercute o que ela mesma noticiou até o momento em que o assunto, da forma como foi delimitado nas reportagens, editoriais e artigos de opinião, parece ser predominante no debate público. Pouco importa se as pessoas em geral se preocupam com a questão da idade ou da saúde de um candidato, o fato dos jornais pautarem esse assunto faz com que todos, sobretudo os envolvidos na campanha, precisem reagir a ele.

Um possível resultado dessa cobertura midiática é o que apontava uma pesquisa da rede de televisão ABC de setembro de 2023 que dizia que 86% dos norte-americanos acham que Biden, aos 81 anos, estava velho demais para exercer um segundo mandato, enquanto apenas 62% achavam o mesmo a respeito de Donald Trump. Com apenas 3 anos e meio de diferença, menos do que o tempo do mandato, os dois candidatos são percebidos de forma diferente quanto ao seu envelhecimento.

Em pouco tempo, muitas reportagens e artigos passaram a apresentar ressalvas sobre o assunto, inclusive problematizando o etarismo subjacente a muitos posicionamentos na imprensa e no próprio meio político, de modo que o próprio termo (ou seus correlatos) passaram a figurar com frequência na mídia, constituindo uma espécie de debate paralelo sobre o quão etarista seria a discussão sobre a idade dos candidatos a presidente e demais políticos. Mesmo assim, a cobertura que predominou foi a que mantinha a polêmica viva apesar de qualquer ressalva ou ponderação.

No início de julho de 2024, a poucas semanas de Biden anunciar sua desistência da campanha, a revista *The Economist* publicou uma capa com um andador ornamentado com o brasão da Presidência dos Estados Unidos e a manchete “Sem condição de governar um país”. A imagem aponta para uma condição de incapacidade funcional, representada pela figura do andador, sugerindo que o presidente em exercício não seria capaz de conduzir sequer a si mesmo, isto é, caminhar por si só, e, portanto, não poderia estar no posto de líder, aquele que conduz a nação.

Figura 1 – Capa da revista The Economist



Fonte: Economist.com

A caracterização de Biden como um homem em declínio físico e cognitivo predominou em toda cobertura internacional de modo que ele e sua equipe pouco puderam fazer para interpor uma outra imagem perante o eleitorado. As respostas que deu aos questionamentos mais diretos sobre sua condição não desfizeram a imagem decadente. Assim como em 2020 havia respondido às primeiras provocações da campanha de Trump dizendo “Observe minhas ações, observe meu histórico”, após o primeiro debate da disputa de 2024, em que foi bastante crítico por parecer letárgico, Biden declarou: “Eu sei que não ando tão rápido como antes, apesar de ter apenas 40 anos (risos). Não falo tão bem como antes. Eu não debato tão bem como no passado. Mas aqui está o que eu sei: sei como dizer a verdade. Eu sei distinguir o certo do errado. Eu sei como fazer esse trabalho. Eu sei como fazer as coisas. Sei, como milhões de americanos sabem, que quando você é derrubado, você se levanta”.

Com essas respostas, Biden apela a um conjunto de valores diferentes daqueles mobilizados pela campanha de Trump cujo *slogan* era “*Make America Great Again*”. Ao invés de evocar a potência tipicamente viril de uma identidade predominantemente masculina e heterossexual, Biden apela para um olhar que valoriza o indivíduo por qualidades de caráter que não diminuem com o avançar da idade: dizer a verdade, distinguir o certo do errado, mostrar resiliência. Em outras palavras, buscava argumentar que as qualidades necessárias para governar o país não diminuiram com a idade. Gestualmente e pelo seu tom de voz,

Biden buscava transmitir serenidade e polidez, ao invés de uma firmeza que fosse acompanhada de algum grau de ferocidade.

Sob o prisma da campanha de Trump, a imagem de Biden é um simulacro de tudo que impede a “América de ser grande novamente” (similar ao “Contra tudo isso que está aí” que circulou no cenário político-eleitoral brasileiro a partir de 2015). Os sinais de envelhecimento que Biden demonstra são representados no discurso derrisório de Trump como sinais de fraqueza e de uma incompetência que não é de ordem técnica, mas uma falta de fibra moral (o que está muito próximo da virilidade exacerbada de um certo ideal de masculinidade que essa campanha evoca constantemente). O discurso do candidato republicano desdenha da figura do seu adversário, mostrado como frágil, disperso, inseguro, sem rumo.

Conclusão

A campanha presidencial nos Estados Unidos em 2024 colocou em evidência um debate sobre a idade de atores políticos no país mais influente do planeta e sobre o etarismo presente nessa e em outras sociedades. A proliferação de textos na mídia como um todo tratando desse fenômeno, por si só, é digno da atenção tanto de estudiosos do envelhecimento quanto do discurso. Sobretudo quando o debate parece se espalhar por outros países, como o Brasil. Desde o resultado das eleições norte-americanas, já circulam na imprensa nacional artigos com títulos como “Lula será o líder mais velho do G20 com a saída de Biden”, “Saúde de Lula será tema do debate pré-eleitoral”, “Lula será presidente mais velho a deixar o cargo na história do Brasil”, e “A bidenização de Lula”.

Certamente, esse deve se mostrar um ponto de convergência de conflitos, polêmicas e preconceitos no futuro próximo. Reconhecer a presença do etarismo em diversas instâncias da sociedade é o primeiro passo a ser dado para eliminá-lo. Acompanhar o desenvolvimento desse debate será fundamental para garantir que o futuro seja mais inclusivo com pessoas idosas, com avanços no tratamento que a sociedade destina a elas.

Agradecimentos

Este estudo foi apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O CNPq concedeu financiamento para LCA (Processo 305413/2023-6; Bolsa Produtividade em Pesquisa).

Referências

ALVES, Luciana Correia. Envelhecimento saudável no Brasil. In: CUNHA, M. F.; MARCONDES, G. S. (org.). **Questões demográficas contemporâneas: olhares multidisciplinares**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2022. p. 159-174.

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. **Estereótipos e clichês**. São Paulo: Contexto, 2022. (E-book). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 02 fev. 2025.

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2011.

BLOW, Chales M. Mídia dá atenção desproporcional à idade de Joe Biden. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 05 maio 2023. Colunas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/charlesblow/2023/05/midia-da-atencao-desproporcional-a-idade-de-joe-biden.shtml>. Acesso em: 02 fev. 2025.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V. *et al.* (org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 203-235.

CARVALHO, José Alberto Magno de; GARCIA, Ricardo Alexandrino. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 725-733, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016. (E-book). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 01 fev. 2025.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, Thousand Oaks, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EdUSP, 1999.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008. (E-book). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 01 fev. 2025.

EPSTEIN, Kayla. Age anxiety hangs over first Biden-Trump debate. **BBC News**, 27 jun. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cn00e8dzq46o>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MACNICOL, John. **Age discrimination**: An historical and contemporary analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MARTÍNEZ MUÑOZ, Francisco. Aspectos biológicos del envejecimiento. In: PÉREZ, E. A. *et al.* **La atención de los ancianos**: un desafío para los años noventa. Washington: Organización Panamericana de la Salud, 1994. p. 45-56.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Quatro áreas de ação da década do envelhecimento saudável**. Washington, s.d. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030/quatro-areas-acao-da-decada>. Acesso em: 27 jan. 2025.

SCHAEFFER, Atherine. Most U.S. presidents have been in their 50s at inauguration. **PewResearch Center**, Washington, 10/10/2023. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2023/10/10/most-us-presidents-have-been-in-their-50s-at-inauguration/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

THE NEW YORK TIMES. **Biden's age isn't his problem**. New York, 22 abr. 2023. Editorial. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/04/22/opinion/editorials/biden-age.html>. Acesso em: 01 fev. 2025.

UNITED NATIONS. **World population prospects 2024**. New York, 2024. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

UNITED STATES CENSUS BUREAU. **Income in the United States**: 2023. Washington, 2024. Disponível em: <https://www.census.gov/library/publications/2024/demo/p60-282.html>. Acesso em: 25 jan. 2025.

UNITED STATES CENSUS BUREAU. **2020 Census**: the United States' older population grew. Washington, 2023. Disponível em: <https://www.census.gov/library/stories/2023/05/2020-census-united-states-older-population-grew.html>. Acesso em: 25 jan. 2025.

UNITED STATES CENSUS BUREAU. **Educational attainment in the United States**: 2021. Washington, 2022. Disponível em: <https://www.census.gov/data/tables/2021/demo/educational-attainment/cps-detailed-tables.html>. Acesso em: 25 jan. 2025.

Recebido em: 15.09.2024

Aprovado em: 25.03.2025